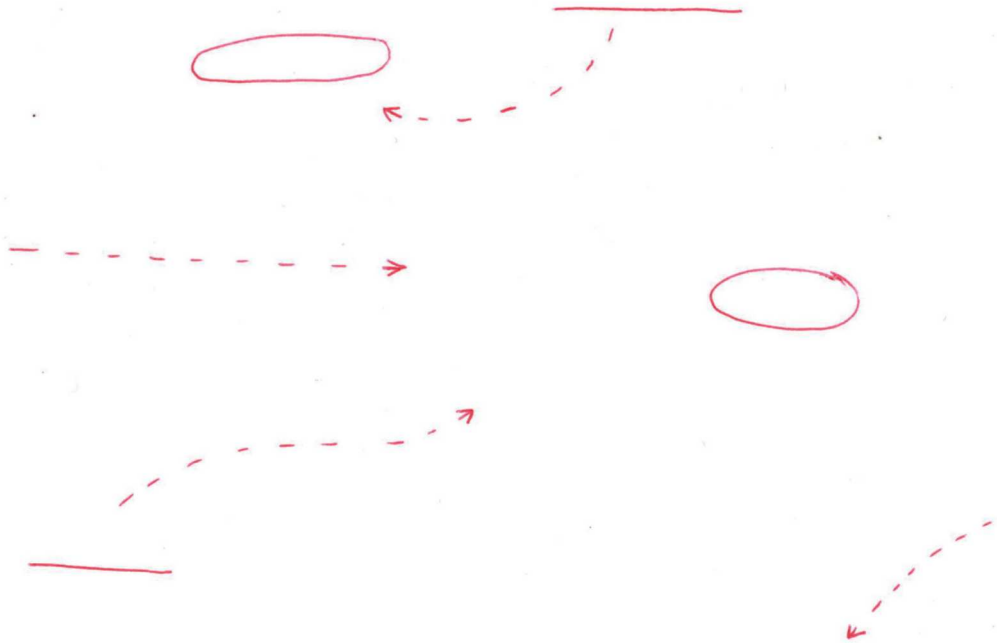


infravivolaí[-
com]microná-
guorpo[des]
reautonoma-
to[K]grafar

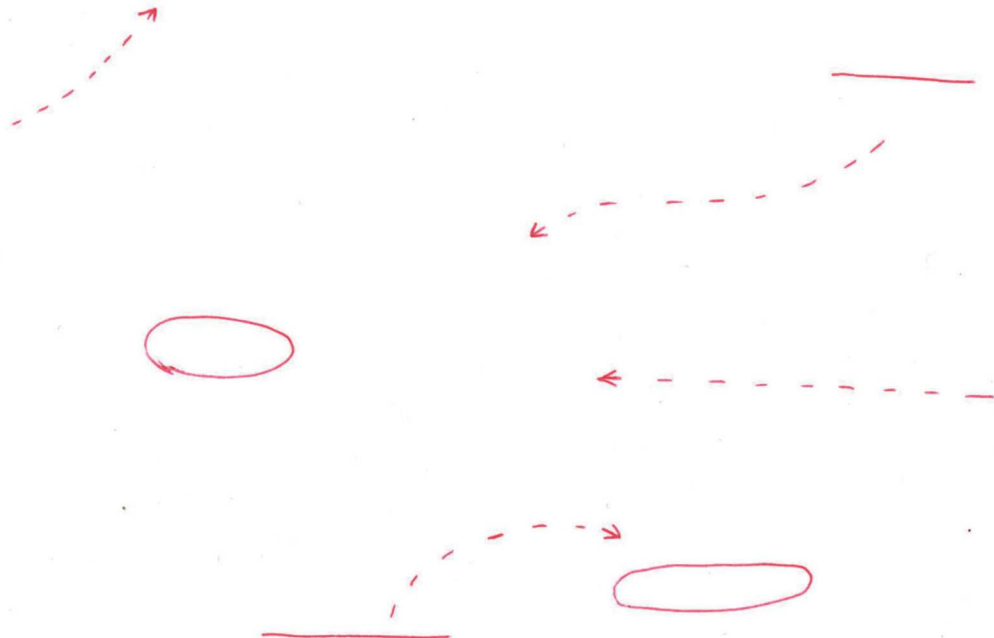


convite	<u>3</u>	elaine schmidlin
infranotar	<u>5</u>	laura v malmegrin
vivo.grafar	<u>11</u>	ariana sarmento
laíaquir	<u>17</u>	tiago meirelles
nave grafar	<u>23</u>	kellen melo dorileo louzich
[Com]instituir afecto docente	<u>25</u>	eriel leite lahn
micropraticar	<u>33</u>	ph cavallari
água.grafar	<u>39</u>	ananda casanova
Orquidear	<u>45</u>	nádia faraco
		?
arte-deslocalizar	<u>49</u>	eriam schoenardie
autonografar	<u>55</u>	gustavo reginato
corporacular	<u>61</u>	faetusa tirzah
mato-gravar	<u>65</u>	angélica neumaier
transléx[K]-luciferar	<u>73</u>	claudio moreira
carto[medi]grafar	<u>79</u>	marcello carpes

convite

e s

Escrever a n-1, subtrair o único da multiplicidade a ser constituída, somente com linhas e velocidades, constituindo agenciamentos, sem sujeito nem objeto, proposta desta publicação. Não pergunte o que os ensaios querem dizer, mas sim como o enunciado e as imagens operam com as conexões e alianças que fazem e deixam passar, ou não, intensidades, em que multiplicidades se introduzem e se metamorfoseiam com as nossas. Resta convidar um corpo sem órgãos que não cessa de desfazer o organismo, para deixar circular intensidades puras que dos sujeitos que escrevem só deixam um rastro, sem semelhança ou imitação, mas apenas explosão de séries heterogêneas em linhas de fuga.



infranotar

infra notar

infr anotar

"[...] há duas direções da física, a direção molar, que se volta para os grandes números e os fenômenos da multidão, e a direção molecular, que ao contrário, embrenha-se nas singularidades, nas suas ligações à distância ou de ordens diferentes [...]"¹

"interrogar o habitual. pois é justamente ao que estamos habituados. não o interrogamos, não nos interroga, não levanta problemas, e vivemos sem pensar sobre ele."²

uma atenção "flutuante, concentrada e aberta"³

infranotar

1. notar aquilo que é pequeno /
singelo / molecular. observar
o que Perec chamou de
"infraordinário" com a
atenção do cartógrafo.
não se deixar distrair
pelo espetáculo do
sublime.

"assim como quem parréia assinala a sua presença no terreno pela soma crescente dos seus rastros, também quem escreve a mão assinala a sua presença na página pela sua sempre crescente linha - letra." ⁴

1. gilles deleuze e filix guattari - o anti-êdipo
2. georges perec - os infraordinários
3. virginia kastrup - o funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo
4. tim ingold - estar vivo

2. fazer anotações

manuscritas, miúdas, com
materiais simples. trazer
seus meios de anotação
sempre consigo.

VIVO.GRAFAR



11

Inventar modos de cartografar o vivo em profusão.
Persegui-lo, mapeá-lo. Fazê-lo permanecer em
movimento. Instaurar algo que nos abra à
possibilidade sensível de envolver-nos e vibrar junto.





Desmontável, reversível, vulnerável

Mapas de um vivo em fuga, que se decompõe, que cresce como erva daninha, que se encontra, rasga, desacomoda e perfura. Fazer poesia com fotografias, forças e outros elementos vivos presentes na/com a escola.





AQUILOMBAR

FUTURO





láíáquir

ato contínuo de co-experienciar passado, presente e futuro, entrelaçando os distintos espaços-tempo de vida, com ciência da própria presença.



lá, aí, aqui

espaços-estados-tempo

advérbios-interjectivos de lugar-tempo-modo

lá

consciência da existência.

o toque na utopia, espaço da epifania,
concretização imaterial do sonho. evidencia-se
quando longe, também possível quando se está
perto, e também aqui, embora com menor fluxo.
além do presente, lá aflora de passados (lá
reminiscente), e de futuros (lá porvir).
o inverso do intervalo entre aspiração e
realização determinam sua intensidade.

cume.

The background of the entire image is a grayscale photograph of ocean waves. The waves are in various stages of breaking, creating a complex, textured pattern of white foam and dark water. The perspective is from a slightly elevated position, looking down at the water's surface.

aqui

experiência do viver.

constante, inevitável, gigante. o tempo
contado. o presente inescapável. caminho já
traçado, ida e volta, sem voltas.

casa



aí

o entre.

o caminhar.

os passos.

o ir.

o fazer.

o acontecimento.

a subida e a descida.

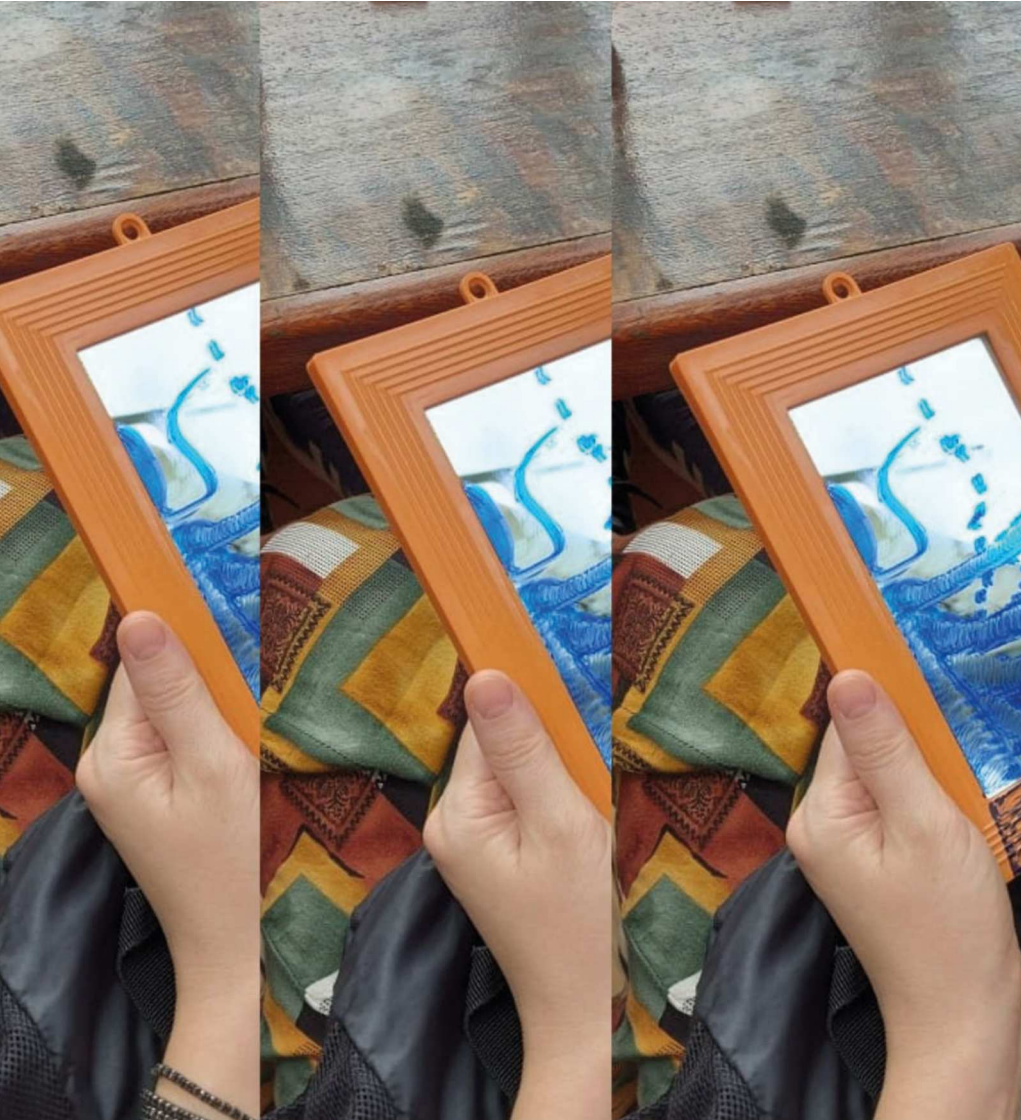
ao som do popopopopopo
do motor
e do gluglugluglu
das águas

rawley

grafar

Construire?
[Com]institutur
Constituer?
Intuire?
Como
?

Ir?



Afectos
percursos

[...]

docência
formação

Pensar o movimento
que constitui e institui a
docência nos espaços
de formação é
aproximar-se das
multiplicidades nos
encontros entre o
professor, o percurso
acadêmico e os abalos
que podem acontecer
quando atravessadas
pelas mais variadas
interferências, não
previstas, dentro da sua
atuação docente.

Encontros

[Com]instituir afectos docente acontece em possibilidades de movimentos, que possam aparecer no processo de experimentações, quando investigadas por pistas deixadas durante sua formação. O processo de estágio supervisionado por meio de dispositivos cartográficos inventivos podem ser como “exercícios da potência de criação que constitui o vivo, é invenção de si e do mundo, se forja nas redes de saberes e fazeres produzidas histórica e coletivamente.” (DIAS, 2012, p.36)



[com]instituir

abalos,
desejos,
memórias,
existência,
affectos.

Nômade, em uma espécie rizomática (DELEUZE, GUATARRI, 1991), que se desdobra, e desliza por cada percurso na formação docente. Características subjetivas eclodem para um novo acontecimento que surge por abalos. Ou seja, [com]instituir affectos não tem uma chegada, somente caminhos.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. 94p

DIAS, Rosimeri de Oliveira. Formação inventiva de professores. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2012. 160p.

Na textura do real, cada pincelada é um gesto de **resistência** e **invenção**.

Micropraticar é uma dança de referências, na qual o passado e o presente se encontram em um experimento que desafia o estabelecido, busca o inusitado, e convida ao **inesperado**. O artista professor é um *bricoleur*, um montador de fragmentos, que constrói com a cor e a forma uma narrativa complexa e múltipla.

33

Na vastidão do espaço branco, transparente e perfurado, o primeiro gesto é uma escolha, um ato de coragem. Referências são convocadas como ecos de memórias estéticas. Cada cor, cada linha, um diálogo com o passado, uma interrogação no presente. O pincel micropratica no meio do suporte. A voz microdiscursa no meio da sala. Experimenta. Experimenta. Cada movimento é uma exploração do desconhecido, uma microprática de liberdade.

A crítica se derrama pela **borda** da tela e retorna, questionando eternamente cada decisão, provocando não a justificar a escolha, mas revelar o oculto. A microprática não teme a crítica, a convida a participar, a enriquecer o **processo**. Assim, o resultado não é um fim, mas um ponto de partida para novas **experimentações**, novas **interrogações**.

Na diferença, cada obra é uma multiplicidade em um rizoma. Micropraticar é um **ato** de criação, ou contínuo ensinamento. **O ato nunca está realmente acabado**. Cada obra é uma etapa em uma jornada infinita. O artista professor se move entre linhas de fuga, criando e destruindo, inventando junto a seus pares novos modos de ver e de ser.

micropraticar

micropraticar

mil

micro

praticar

ar

pratica

micropratica

Micropraticar, enquanto verbo, evoca a bricolagem. Não há um caminho definido, apenas um conjunto de possibilidades, um arsenal de experiências passadas, matérias e materiais à disposição. A montagem é a técnica em que elementos díspares são reunidos, não pela lógica tradicional, mas pela sensibilidade e intuição de artista. Há um campo de experimentação, onde o acaso e a intenção se entrelaçam em um jogo contínuo de criação, questionamento e recriação. *Práxis!*

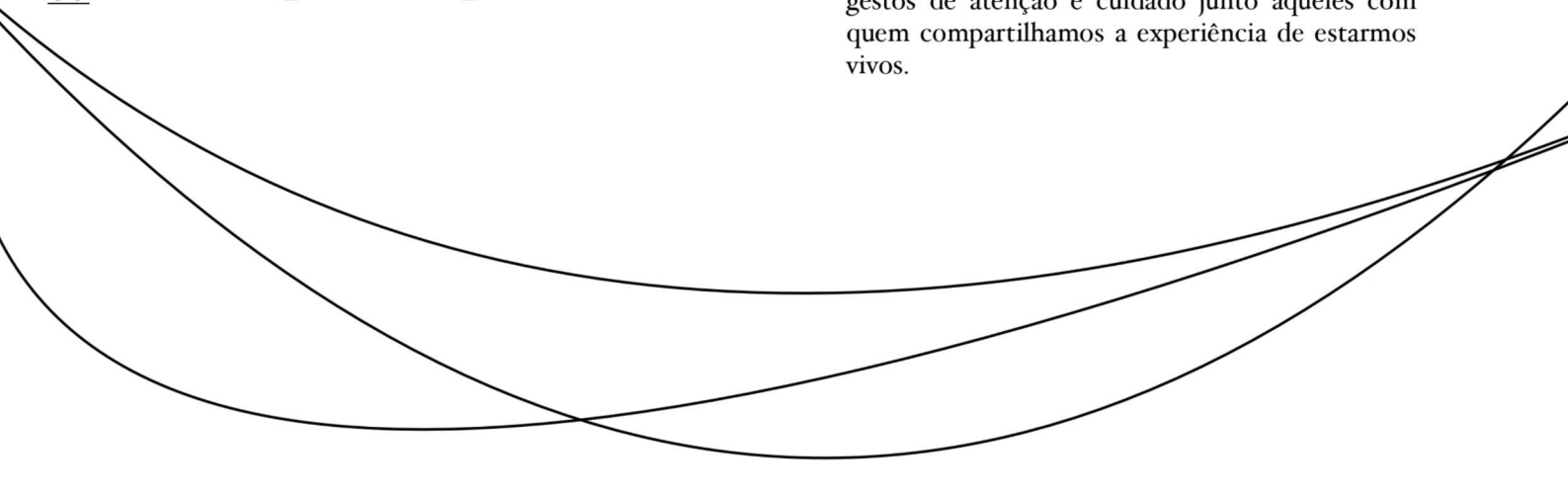
Micropraticar é, acima de tudo, uma prática de liberdade. É a busca incessante pela diferença, pela singularidade em meio à repetição. É um convite a espectador, educando, estudante, artista, para se perderem nas tramas da cor e da forma, para se tornarem, estes mesmos, micropraticantes, co-criadores da experiência estética. A cada olhar, a cada relação, a obra se transforma, revelando novas camadas.

No fim,

micropraticar é um ato de amor pela arte e pela vida. É a celebração da multiplicidade, da diversidade, da constante reinvenção. No meio de **zilhões** de microssaberes, microatos, micropolíticas, microrresistências, microfazer, micropráticas, somos todos *bricoleurs*, montadores de experiências, criadores de mundos, sempre no plural. A microprática é o **movimento** incessante de criação, crítica e experimentação que se define enquanto se auto-reescreve.

água.grafar

Colocar-se em estado de presença com geografias líquidas. Perceber o que a água cria, suas escritas e inscrições. Umedecer o pensamento. Produzir gestos de atenção e cuidado junto àqueles com quem compartilhamos a experiência de estarmos vivos.





Afluente. 4.5 bilhões de anos. Acreditam ser esta a idade da água, nascida ao mesmo tempo que o sistema solar. Estimam cientistas que 1% a 50% da água que se movimenta do planeta Terra foi herdada de outros corpos celestes. O restante segue sendo um mistério. A água é indissociável da vida. É a energia cósmica que conecta ciclos e territórios, sonhos e memórias, tempo e espaço. *Imox* para os maias: a energia sagrada de mares, rios e lagos. *Mama Yaku* para a cosmovisão andina: a água mãe. *Y* para os guaranis: o pilar líquido que sustenta a vida. Em que momento abandonamos nossa relação sagrada com as águas?

Nascente. Sou uma pesquisadora que caminha com as águas. Sigo a linha dos rios na paisagem e brinco com a lentidão, a desorientação e a corporalidade para produzir desvios da lógica espetacular que estabelece estruturas de controle e forças normalizadoras nos territórios geográficos, marginalizando e excluindo seres e histórias. Busco uma relação íntima com esses espaços. Quero devolver ao corpo caminhante a experiência de conhecer, de entrar em diálogo

com o chão, com o rio, com a cidade,

em suas contradições, habitantes, redutos, identidades e diversidades. Talvez por já haver percorrido longas distâncias em muitas latitudes, da montanha à floresta, da nascente à foz, fui reconstruindo em mim uma cartografia líquida que me acompanha e umedece meu pensar. Me acostumei a notar as águas que desenhavam no chão por onde andarilho meandros e margens, onde habitam seres muitas vezes desconhecidos, mas sempre companheiros.

Um pássaro, um junco, um girino, uma pedra.

Fluindo de um ao outro. Lugares repletos de histórias esperando para serem escutadas. Não pergunto “O que vejo?”, mas sim “Como me componho com isso que vejo, sinto e escuto?”. Encontrar-se com as águas não deixa de ser um exercício de trazer as forças do invisível à tona. Uma oportunidade de produzir encantamento com histórias que foram esquecidas e invisibilizadas.

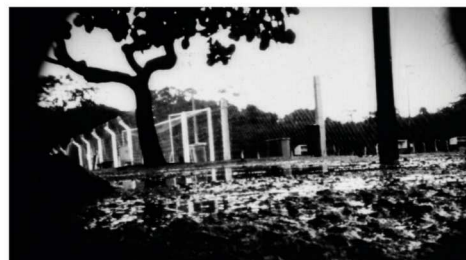
Produzir mais sentidos do que significados.

Combater o empobrecimento de mundo que parece ter se tornado um vício que sustenta a vida moderna. “*A vida não pode ser uma prisão humana*”, Ailton Krenak nos alerta. A modernidade, o progresso, o desenvolvimento, produziram em nós um abismo cognitivo e afetivo que nos afasta, quando não interdita, a experiência com o vivo, com a vida. Mas, ao mesmo tempo, é essa vida moderna que muitos de nós conhecemos como realidade. Como encurtar distâncias? Como perceber esse abismo? Como transformá-lo? Como, mas sobretudo na presença de quem, produzimos um saber ambiental que nos ajude a imaginar outras realidades, outros presentes-futuros, outros sonhos, outras composições e alianças?

HABITAR .

CUIDAR .

CONVIVER



PERCEBER . ATENDER . ENCANTAR . FABULAR . IMAGINAR

água.grafar é um exercício de presença, atenção e experimentação com os tantos mundos criados pelas águas. De produzir gestos de cuidado e afeto em paisagens multiespécies. Em uma era de crescente digitalização e automatização da vida, desacelerar o passo, o olhar, a escuta para perceber o que acontece em nós quando percebemos o outro - esse outro, muitas vezes, considerado uma alteridade perigosa, suja, poluída. Mudar a perspectiva. Abrir possibilidades de agenciamento que ampliem conexões e multiplicidades. Criar espaço para outras imagens e memórias ancestrais, onde outras intensidades e desejos possam emergir.

rio vivo.

rio morto.

rio degradado.

rio revitalizado

rio invisibilizado.

rio domesticado.

rio marginalizado.

rio disciplinado.

Quem habita esse lugar?

Que histórias co-existem aqui?

Quem está na água? O quê está na água?



Cansada pela eclosão dos inúmeros partoflorescências, forjados na artificialidade dos genes artificialmente manipulados a tanto tempo que é impossível saber, quando, pela primeira vez um rizoma ancestral foi extraído de seu ecossistema dando origem aquilo que hoje é.

Da vida herbária verdejante e úmida, banhada por raios de sol transpassantes e suaves; no denso verde da mata, nutrin-do-se ora com calor ora com a água, seu corpo rizomatoso feito de fibras, água, luz e ar rasgava espaços como um corpo buscando lar.

A sazonalidade das florações forçadas pela polinização artificial vingavam mais vezes do que Cronos sentenciara. Cansada, hibernava! Gestada de rebentos, nutria-se fixada no montículo de terra anêmica contida no pequeno vaso.

Delirante no sono hibernal compunha-se com pedrinhas, insetos mortos, madeira em decomposição, sal não evaporado da água clorada... tudo misturado. Metamorfoseando-se no reino plantae agencia nutrientes fúnebres pro criativos neonatovegetal. O espaço é pouco. O vaso é pequeno. Gaia é demandante! Sem flores, sem graça, sem cores. Tudo é morte, mas é morte vidente - vida latejante!

Uma tarde de sol ilumina o muro. O rizomurumundo moribundo... hibernante... pendente... pulsante... calante. No silêncio o muro agora é muro-mundo. Seu cal enfraquecido e sua parede úmida substância-se com o chamado sussurrante da terra: É tempo de orquidear... O rizomurumundo suga água, cal e ar. Chuva abundante! Raízes espocam espiando a vida, com seus mini-olhos-

-ciclopes-cegos, agarrando-se,
sem pressa, como dedos lon-
gos... nervosantes, à super-
fície plana e rugosa do muro
áspero-hospedante... acolhe-
dor... acolhe-a-dor...

Nutrida por fungos,
líquens, desperta do torpor
hibernal, desloca-se raste-
jante, lenta, cega, errante.
Fareja água na intensidade
silenciosa do nasceiro. Quan-
do a chuva para a água cala...
a escuta apura... Sensível
às urgências de Gaia, absorve
elementos e cores no corpo fe-
cundado e... desenha... traça
caminhos, rabisca... cartogra-
fa... o acontecimento, o desa-
brochar para o devir da nova
vida orquideante. Orquidear...
amar... mar... ar. Orquidear é
resiliência.







Empenhado em me desvencilhar da lógica ordenadora
sempre pronta a buscar o melhor meio de diagnosticar cenários e aplicar prescrições,
na nascente desse texto, liberto-me
de qualquer compromisso em explicar ou revelar verdades
sobre arte ou educação.

Desejo, antes, mapear uma rota de fuga possível
ao modelo arborescente que estratifica os segmentos da sociedade ocidental.

Fuga que começa pelo pensamento*:

*Ato de pensar, a partir de Deleuze, não como
reflexão interior sobre algo, mas sim como
[passar por um abalo exterior e, com isso,
recriar-se diante da nova experiência.]

Impulso de habitar terras e águas estranhas,
predisposto ao estranhamento perante fluxos desconhecidos
e novas forças de agenciamento entre pensamento e criação.

É verdade que a escola nada tem a ver com a
desenvolve as capacidades da criança.

a abstração é necessária.

que as turmas são necessárias,
sobretudo um
que os programas, as normas e
programas, os diplomas e as

educadores não servem para nada.
haveria escola. É verdade que a escola é

Vejo
que nascem
que saberão
meios de produção,
os seus saberes
fecundar os seus
E pouco a pouco.
que vai falando cada vez
a Escola, também

os diplomas são necessários. É verdade que
normas produzem grande devastação

É verdade que há seres

é verdade que as turmas desenvolvem
cérebro de réptil

É verdade

É verdade

É verdade

É verdade

É verdade que



Pensamento que viaja e se manifesta em
escritura nômade. Nômade como meu
corpo, no exato instante em que digito
esses caracteres, recostado na poltrona 01,
levemente reclinada, em um ônibus
Porto Alegre $\leftrightarrow$ Florianópolis. Com exceção
de meus dedos apressados, o corpo está inerte
mas o veículo e meus pensamentos não.

O ônibus avança por um caminho pré-estabelecido,
quantificado em quilometragem, valor da passagem, duração
da viagem e, como constatou Rebecca Solnit, pela *insistência em
afirmar que o percurso não é tão importante quanto a chegada*.
Movido pelo desejo de não navegar somente por rotas já traçadas,
meu pensamento busca escapar desta engrenagem.

Trajetos marcados pelo deslocamento do olhar, não só em relação
à distância física percorrida, mas também através de encontros
cartográficos entre casa e escola, entre casa e universidade.

A partir dos encontros seleciono o que é importante para minha pesquisa.

E ao espreitar pela janela o que mais vejo é mato, coisa banal que preenche
os entres de um ponto a outro.

*Cultivar-pesquisar
com escola é da
ordem de cultivar
mato. Recorrente.
Persistente.
Ordinário.*



Quando as plantas crescem
(2023), Caio Villa de Lima

A ideia de mato como pesquisa, semeada nos escritos de Priscila Fernandes, é inspiradora ao tratar de uma qualidade da atenção para algo menor e ordinário, mas que brota em todos os lugares e explode em conexões rizomáticas justamente por não limitar-se a um solo pré-determinado. Inclassificável, o mato não se resume a uma espécie única da botânica; é antes multidão, coletividade. Tal como estudantes na escola.

[Alunos-mato em sua infinita multiplicidade.]

De Estado a Estado. De um estado a outro estado.
De um estive a um estou. Que tipo de professor venho sendo?

Procurando vislumbrar como afeto e como sou afetado pelo trabalho em sala de aula, a vontade que hoje me move é a de olhar para todo o mato que cresce em meio a procedimentos artístico-pedagógicos; narrar intervenções molares que acontecem tanto em minhas aulas quanto nas de outras/os docentes-artistas.

Nestes fluxos, quais conexões afluentes [des]aguam no grande rio que é minha pesquisa em pedagogia das artes cênicas?

A mudança da paisagem de um Estado para o outro?
Os trabalhos dos alunos? O contato acadêmico com maior
número de colegas e profissionais de diferentes partes do país?
Conversas com arte-educadores sobre suas atuações nas escolas?
O devir não-humano das chuvas e enchentes que destruíram
a escola onde trabalho? Todos são encontros agenciadores
de forças e sentimentos que aguam a pesquisa.

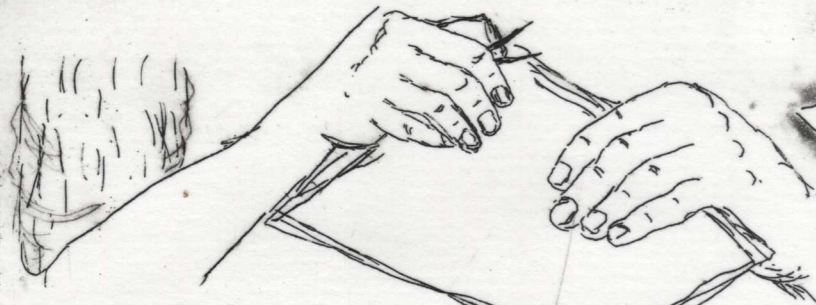
No olho do redemoinho, mergulhado em águas turvas,
estou à deriva perante os acontecimentos que se derramam
sobre minha rotina... A rota de fuga é deslocar saberes,
abraçar a condição nômade no contato com áreas intercessoras
que possam me ajudar a desmontar a aula de Arte
para depois montá-la novamente de mil jeitos diferentes.

Ato de pesquisar em movimento ininterrupto, como o
das correntezas, resistente a congelamentos.

Maneiras múltiplas de [re]ver minha atuação docente.

[Arte-deslocalizar]
pôr-se em movimento;
demonstrar abertura
aos encontros de
diferentes tipos que
acontecem nas
trajetórias. Ação de
aprender com e nos
deslocamentos, dando
atenção às forças que
atravessam esses
caminhos e modificam
nossa produção
artístico-pedagógica.

PRÁTICAS CASEIRAS PARA PUBLICAÇÃO



PUBLICAÇÃO?



ZINE?

TIPOS

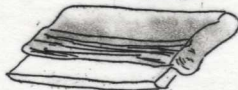


MÓVEIS

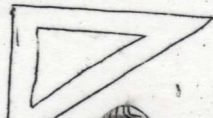
EMULSÃO



RODO

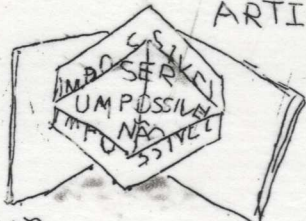


ESQUADRO

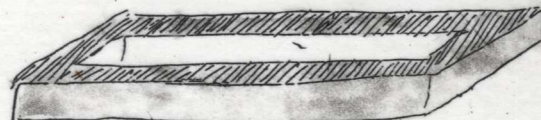


PINCEL

LIVRO DE ARTISTA?



MANUAL



TELA DESERIGRAFIA

CALHA



RÉGUA

///AU.TO.NO.GRA.FAR:::

Com origem nas práticas de autonografia e graficonomia,
o exercício de autonografar se dá através dos procedimentos de
autonomia gráfica, por meio da expansão das normas e possibilida-
des de escrita, desenho, impressão, reprografia e suas deriva-
ções de reprodutibilidade técnica. As práticas de autonografar
geram modos de criação de espaços de autonomia, em contraposi-
ção às práticas industriais massificadas de um sistema não
autônomo de manifestações da arte impressa.

A autonografia tem se evidenciado como uma prática única e múltipla, um paradoxo da reprodutibilidade aurática em imagens espelho. Autonografar é exercer a autonomia gráfica, tomando para si os meios de produção, práticas reprodutíveis e modos de propagação, compartilhando assim imagens, escritos, experimentos, experiências e discursos, reverberando, multiplicando, espalhando e cultivando ressonâncias de linguagens.

ATNGRFR* do grego ampo= próprio+

nomia= lei+

graphein= gravar, desenhar, escrever

Algumas práticas autonográficas têm sido confundidas com práticas da autoetnografia, que de certa forma podem ser similares e até complementares, mas que se diferem em alguns pontos principais:

1// A autonografia é exercida pela prática da autonomia proporcionada pelos conhecimentos da reprodutibilidade técnica.

2// A autoetnografia é um processo de escrita etnográfica voltado para as próprias experiências no campo antropológico

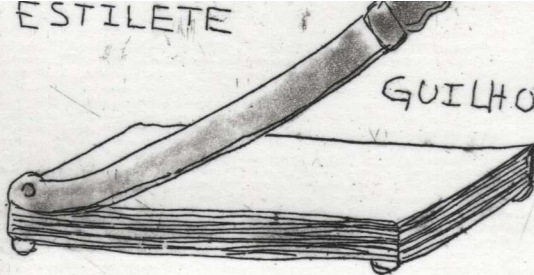
A autonografia pode ser autoetnográfica, assim como a autoetnografia pode ser autonográfica ou gráficoautônoma...

Pesquisas informam que os meios reprográficos é que permitem a imagem e a palavra de encontrarem seu local de autonomia, ou seja, elas são por sua natureza íntima, autonográficos.

A reprodutibilidade técnica é tanto autonográfica, como graficoautônoma, embora sinônimas, a ordem de aparição dos termos demonstra uma evidência maior na autonomia ou nos meios gráficos... Um procedimento autonográfico também pode ser gráficoautônomo e vice-versa.

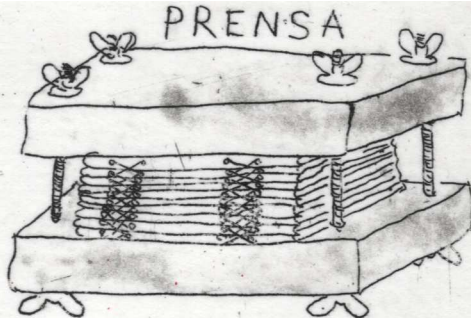
Exercer a autonografia, ou até a graficonomia, não significa um descolamento da imagem e da escrita, como se fossem entidades a vagar, mas sim, de que maneira as imagens fora de seu local natural, podem ganhar mais força ao unirem-se as possibilidades reprográficas.

ESTILETE

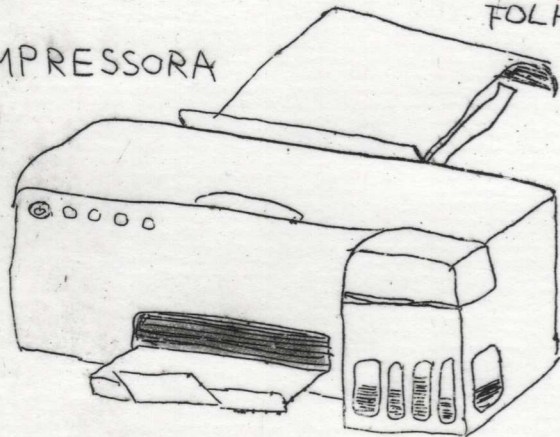


GUILHOTINA

PRENSA



IMPRESSORA



FOLHA

VINCADIEIRA



LINHA



FIIO DE
CABELO

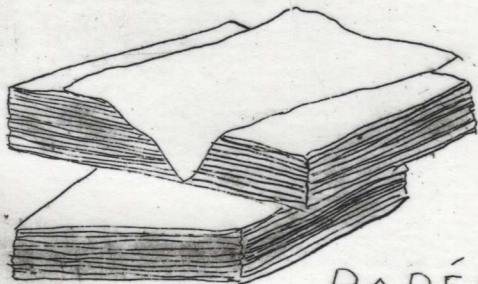


AGULHA

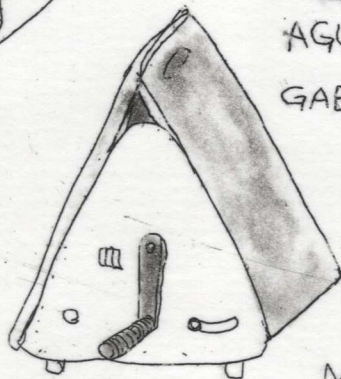


AGULHÃO

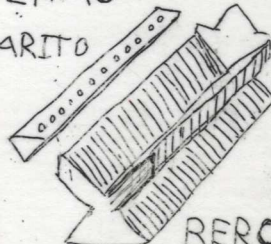
GABARITO



PAPÉIS



MIMEÓGRAFO



BERÇO

corpo corpo corpo corpo corpo	oracular oracular oracular oracular oracular oracular oracular
colocar signos em estado de vibração	<i>aeromancia</i> pelos sinais e observação do ar
mexer na estrutura de representações	<i>antracomancia</i> pelo carvão incandescente
desorientar reorientar	<i>antropomancia</i> pelas vísceras humanas
tensão profunda	<i>apantomancia</i> pelas coisas que se apresentam subitamente
circulando pelos tempos	<i>antroposcopia</i> pelas manifestações exteriores
algo arriscado como caminhar	<i>aritmancia</i> pelos números
com uma pessoa desconhecida numa paisagem desconhecida	<i>auspicia</i> cantar entranhas de animais
rachar	<i>auspício</i> pelo voo das aves
fazer girar	<i>axinomancia</i> pelo machado
tremar sentidos	<i>bactromancia</i> pelas varinhas
evocar sentidos	<i>belomancia</i> pelas setas
corporacular é verbo	<i>bibliomancia</i> abrindo-se um livro ao acaso
perceber o mundo animado por forças	<i>botanomancia</i> pelas ervas
farejar rastros	<i>capnomancia</i> pelo fumo que se erguia do altar em que se queimavam as vítimas
recolher pistas	
entre plantas e ossos	<i>cartomancia</i> por meio de cartas
não interessam as figuras de linguagem	<i>craniomancia</i> pelo exame do crânio
interessam os meios de transporte	<i>catoptromancia</i> por meio do espelho
gestos em direção a	<i>cefalomancia</i> pela cabeça de um burro
delicados deslocamentos	<i>ceromancia</i> por meio de cera derretida e lançada n'água gota a gota
interessam as mínimas perturbações	<i>cleromancia</i> lançando dados
reformular algo da rede de informações que é a clomancia	<i>clomancia</i> por uma chave presa a uma bíblia
corporacular como quem muda a química	<i>coscinomancia</i> pela agitação de uma peneira
parir a pergunta	<i>dactilomancia</i> pelos dedos

corpo corpo corpo corpo corpo **oracular** oracular oracular oracular oracular oracular oracular
corroer *gastromancia* por meio do reflexo da luz de duas velas na água contida num vaso bojudo
deslizar por meio de círculos, figuras feitas na terra/por meio de pó de terra lançado numa mesa
colidir por voltas rápidas num círculo até **cair** atordoado em cima de letras dispostas ao acaso
estado de turbilhonamento *halomancia* pelo sal
num **fechar** e **abrir** de olhos e narinas *hidromancia* pela água
embaraçar *horoscopia* pelo sol/lua/estrelas
maré baixa *ictiomancia* pelas entranhas do peixe
ventodotexto que embaralha *ignispício* pelo fogo
virar uma carta *lampadomancia* pelas cores e movimentos de uma lâmpada
ler escrevendo *meteoromancia* por meteoros
desenhar sensações *miomancia* pelos ratos
auscultar *nefelemancia* pelas nuvens
encontrar maneiras *ofiomancia* pelas serpentes
operar como poetas feiticeiros *onicomancia* pelas unhas refletindo os raios solares
fazer funcionar as palavras como uma dança *onomancia* pelas letras do nome
corpo como laboratório para **preparar** remédios *ornitomancia* pelo canto das aves
corpo que faz corpo *pegomancia* pelo movimento da água das fontes
corpo que faz corpo *psicomancia* pelos espíritos
corpo que faz corpo *quiromancia* pela linha da palma das mãos
corpo *sideromancia* pelo ferro em brasa, sobre o qual se lançava palha para **observar** as figuras
corpo que faz corpo *sortilégio* por meio de sortes
corpo que faz corpo *teomancia* por suposta inspiração divina
corpo que faz corpo *tiromancia* por meio do queijo
como um corpo de cartógrafo *onirocracia, oniromancia, onirocritica* por meio dos sonhos

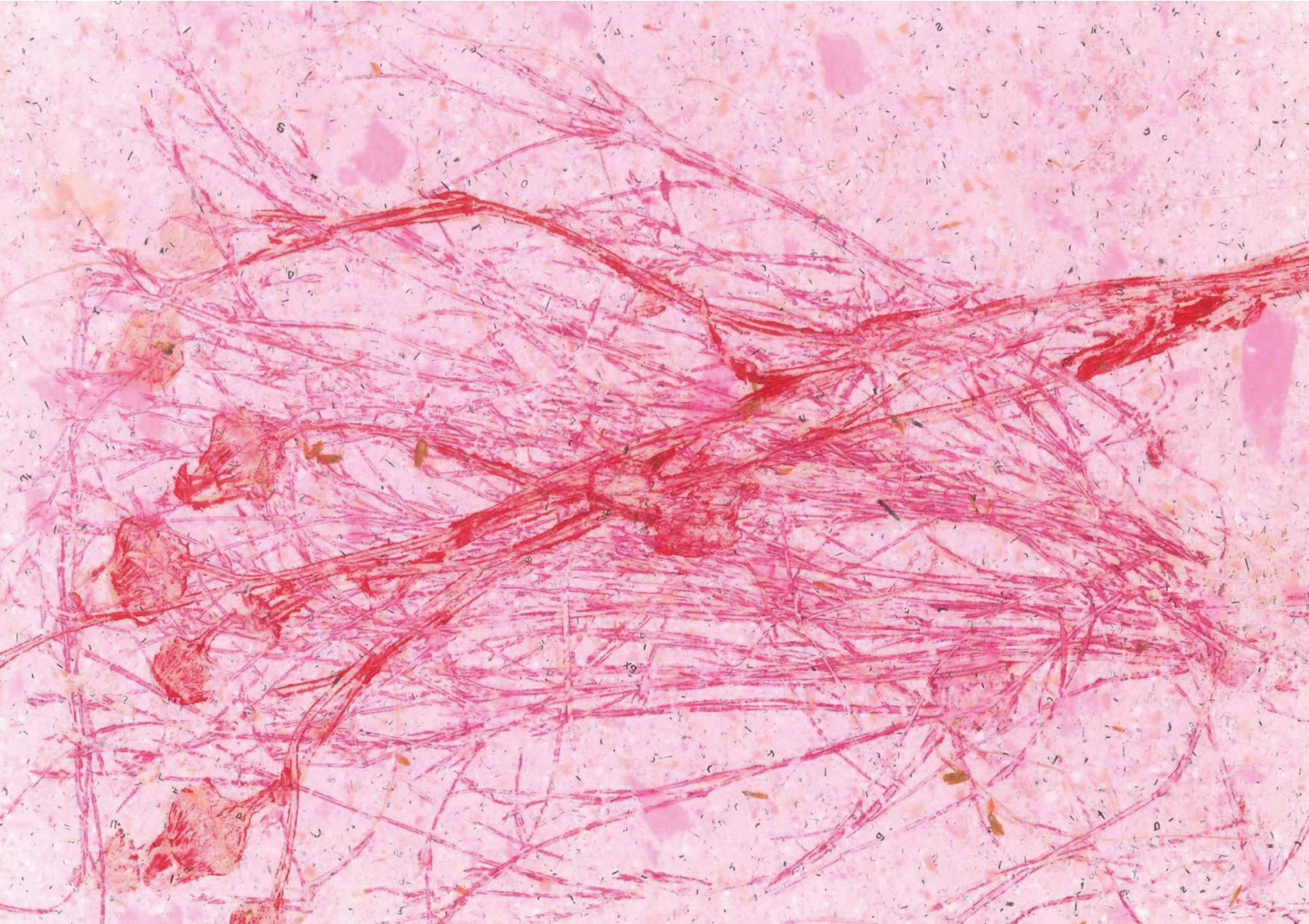


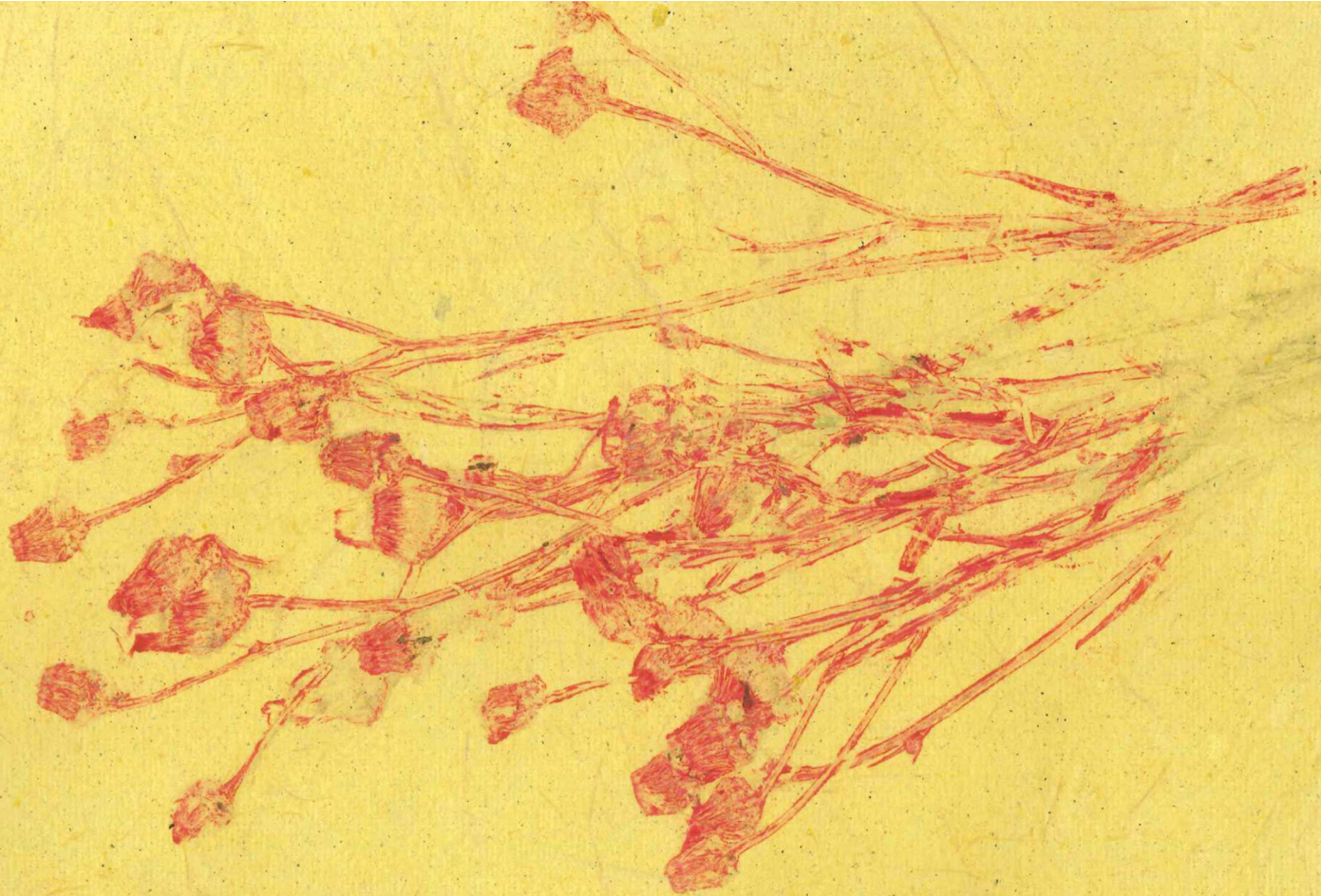
corporacular

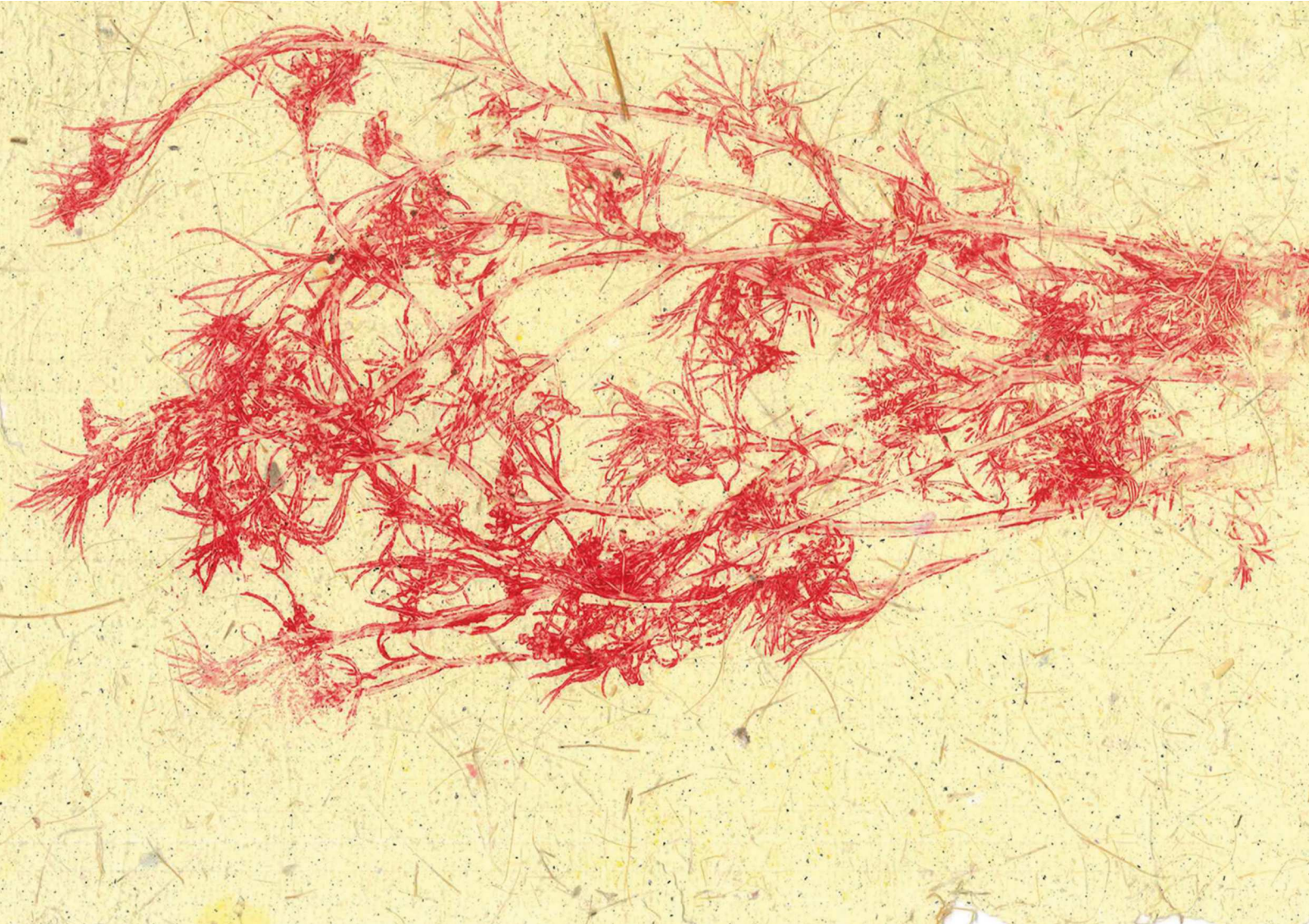












como *parar* de traduzir?

[PARAR, aqui, é proposto como um ponto de aceleração máxima que desfaz os processos de tradução q mantém o K-CORPO em funcionalidade plena]

73

como fazer um k-corpo composto por traduções impossíveis?

um k-corpo no qual Sol não vira vitamina D,
pois a Pele vira o Próprio Sol no momento em q U toca.
E o sol vira vitamina D no momento em q toca a pele:

Um k-corpo q está em vários lugares ao mesmo tempo:

Um k-corpo que, a (em) todo instante, se inventa: se dissocia:



uma empreitada LUCIFERINA (q oblitera , recria , remodela a dita origem :desfazendo-se da origem :refazendo-a em sua tradução obliterada)
de ALTA temperatura: q atinge velocidades máximas e destila acidez

sim, vamos falar de acidez: TRANSLÉX[K]-LUCIFERAR é uma máquina do tempo: de um tempo dissociativo q [
ATINGE UM ESTADO de LAVA milenar : desfazendo o próprio traduzir
Enquanto [traduz o traduzir] [por]
equívocos que pelam:

remontemos, rapidamente, para uma suposta origem da palavra “traduzir”.
q vem do latim “traducere”, q é algo como “conduzir através” ou “transportar”.
“trans-” seria algo como “através de” ou “para o outro lado”, e “ducere” é “conduzir”
ou “levar”. logo, “traducere” se referia ao movimento de
levar algo de um lado para o outro

NS [K] = CYBER
arrastar a tradução
de um lado para
o outro
como um
demo: K-demo.

LÉX[K]-
J
J
J

Transléx[K]ar (embaralhar um léxico:dissociar=r o léX[K]o)luciferar(*Not Your Angel Anymore*, Não mais Seu Anjo Mensageiro Benjaminiano ecoando)

Equívocos, como sabemos, são o mote de todos os processos tradutores
TRANSLÉ[X]K-LUCIFERAR é só um des-conhecimento dessa realidade para j- J-
j- j-justamente se alinhar às forças
do equívoco para amplificar processos dissociativos
q fazem abalo
nos automatismos tecno-plástico-sonoro-linguísticos.
[Tudo isso não passa de um equívoco
O equívoco pode fazer rachar algo? Como sustentar um tempo dissociativo?

TRANSLÉX[K]-LUCIFERAR
é PERFORMAR a dissociação. Fazer um no outro [Fazer redemoinho neste texto]:
enquanto é nenhum.
Fazer um traduzido intraduzível da própria tradução.
SOMSOL LOSMOS
o giro da tradução está justamente nisso: no direcionamento ao q há de mais
intraduzível. aquilo q possibilita alianças horrorosas.
espiralizar a tradução e fazê-la como algo q torça a comunicação
as funções do mundo: as associações:
a palavra de ordem: os militarismos:

24/7

LUCIFERAR

talvez Haroldo de Campos seja alguém q tenha buscado essas outras forças da
tradução: ao propô-la como um agenciamento que sempre se reinventa...
Sim, evocamos Haroldo de Campos, entidade q deixou muitas pistas: suas
TRANSLUCIFERAÇÕES malditas de rimbaud, e.e cummings, james joyce, gertrude stein e
marcel duchamp são alguns dos exemplos.
Haroldo, maravilhoso, faz vibrar uma coragem. Uma
coragem q precisamos reconhecer... mais q RECONHECER precisamos DESCONHECER
com Haroldo. Usá-lo como mote: por meio do q já conhecemos: desconhecer mais.
TRANSLÉX[K]-LUCIFERAR é desconhecer Haroldo :reconhecendo-o : lançando a sua
proposta de tradução como invenção para outras direções



direções q não se direcionam a um original
ao q se conhece
traduções q não buscam traduzir o conhecido
mas q são um modo de ir em direção ao desconhecimento

seria possível falar de tradução sem original?



Fazer obliterações
luciferações dissociações
 engasgos
 naquilo q atravessa :
como possível modo de deformar

pensar a tradução como diferença
fazer um no outro :

quais implicações são acionadas ao pensar a tradução como diferença?
em diferença e repetição vemos a tese de Deleuze q indica a repetição
como um operador q possibilita a diferença.

uma das questões levantadas é a de um enfrentamento do primado da identidade no
pensamento ocidental [algo imbricado no movimento do verbo TRANSLÉX[K]-LUCIFERAR]

=

D. vai para Nietzsche para pensar a repetição: olha para o
Eterno Retorno, onde a repetição é feita a partir de uma universalidade singular.
Ou seja, a repetição sempre ocorre juntamente com uma
pequena diferença. Como quebrar com o universalismo da realidade?

Andar em linha reta é algo universal.
Porém, ao andar outro dia, será diferente.

Dissociar?

Cada vez q jogamos uma pedra para o alto, ela cai diferente.
A realidade é regida por repetições que carregam universalidades singulares.

Terão outras condições, situações, q propiciam o andar dessa linha reta.

Como trabalhar com essas diferenças?

[Toda diferença é sempre virtual e se atualiza]

Podemos até buscar generalidades, universalismos, mas nessa busca irá eclodir diferenças.

A lógica da sensação é esse direcionar-se para diferença,
e não para o que é da ordem do metafórico.

G.D. quebra o ideal da universalidade na filosofia ao enfatizar q há sempre uma diferença q eclode no mundo,

H.d.C. desloca a tradução de uma atividade subalterna ao original para colocá-la como lugar de criação : obliteração e abalo sísmico a partir de uma fonte :

todo fazer : [mesmo q seja o mesmo:
carrega uma diferença

LUCIFERAR
é si X[K] dissocia:
TRANSLÉX[K]-LUCIFERAR

e si X[K]

C MEDIGRAFAR
 CA EDIGRAFAR
 CAR DIGRAFAR
 CART IGRAFAR
 CARTO GRAFAR
 CARTOM RAFAR
 CARTOME AFAR
 CARTOMED FAR
 CARTOMEDI AR
 CARTOMEDIG R
 CARTOMEDIGR A
 CARTOMEDIGRAF F
 CARTOMEDIGRAFA A
 CARTO[MEDI]GRAFAR
 AÇÃO



Detalhes de Exu

Laroyê, Exú



Salve, mensageiro!

[illegible]

“Exu não perguntava
Exu observava
Exu prestava atenção
Exu aprendeu tudo.”





Sentinela, Protetor, Afro-atlântico, Guardião, Mensageiro, Comunicador, Ordem, Caos, Movimento, Criação, Multiplicidade, Transformação, Fecundação, Caminhos, Vigiar, Ogó, Laterita, Padê, Pimenta, Mel, Cachaça, Água, Proteção, Justiça, Paciência, Infantil, Força, Disciplina, Encruzilhada, Primordial, Amor, Respeito, Igualdade, Axé, Generosidade, Compreensão, Dono do Carnaval, Multiplicação, Entidade, Orixá, Princípio dinâmico da vida, Senhor das possibilidades, Riqueza, Sexualidade, Alegre, Brincalhão, Felicidade, Benevolente, Amigo, Primeira estrela criada - ÌRÀWÒ-ÀKÓDÁ, Mediador, Perseverança, Bom senso, Discernimento, Responsabilidade, Comprometimento, Equilíbrio.

Exu.

Exu, 2023
Gustavo Nazareno
Óleo sobre linho, 200 x 170 m
Coleção Collaço Paulo



Ficha catalográfica

C328

Cartografias intensivas:
infravivolaí[com]micronáguorpo[des]reautonomato[K]grafar /
Elaine Schmidlin (org.) - Florianópolis, SC: Caseira Editora,
2025.

92p. ; 14x21cm.

978-85-68923-92-4

1. Artes Visuais. 2. Livro de artista. 3. Ensaio Visual.
4. Cartografia. 5. Schmidlin, Elaine.

CDD 700

Catálogo na fonte Bibliotecária Gabriella Joana Zorzetto CRB 14/1638

Versão digital distribuída gratuitamente

Versão impressa produzida em papel pólen bold 90g ela Caseira.art

